

Denise Pereira  
Maristela Carneiro  
(Organizadoras)

# História: Diálogos Contemporâneos 2



**Atena**  
Editora  
Ano 2019

Denise Pereira  
Maristela Carneiro  
(Organizadoras)

# História: Diálogos Contemporâneos

## 2

Atena Editora  
2019

2019 by Atena Editora  
Copyright © Atena Editora  
Copyright do Texto © 2019 Os Autores  
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora  
Editora Executiva: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira  
Diagramação: Geraldo Alves  
Edição de Arte: Lorena Prestes  
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

#### **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Prof.ª Dr.ª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

### **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

### **Conselho Técnico Científico**

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba  
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista  
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal  
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

<b>Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)</b>	
H673	História: diálogos contemporâneos 2 [recurso eletrônico] / Organizadoras Denise Pereira, Maristela Carneiro. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. – (História. Diálogos Contemporâneos; v. 2)  Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-560-0 DOI 10.22533/at.ed.600192308  1. História – Pesquisa – Brasil. I. Pereira, Denise. II. Carneiro, Maristela. III. Série.  CDD 900.7
<b>Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422</b>	

Atena Editora  
Ponta Grossa – Paraná - Brasil  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
contato@atenaeditora.com.br

## APRESENTAÇÃO

Dentre os conflitos mais instigantes, produtivos e controversos que se dão no espaço acadêmico, reside aquele que opõe as muralhas das especificidades dos campos disciplinares à permeabilidade dos saberes na contemporaneidade. Extremismos à parte, é certo que, justamente por suas miradas particulares, os campos de conhecimento podem crescer quando travam contato. A descoberta de termos e objetos comuns e o desconforto dos desacordos e quebras de comunicação criam uma atmosfera de efervescência, questionamento e convite ao aprendizado. O conhecimento frequentemente prospera nas interseções.

As tensões do mundo líquido no qual navegamos intensificam estes debates e tornam premente a necessidade de promover e compreender os trânsitos entre os campos e os conhecimentos que emergem nessas encruzilhadas. Criar ligações entre as ilhas é, pois, uma necessidade, haja vista que, no coração destes debates jaz o descompasso entre a disponibilidade de informações e a variedade de recursos tecnológicos, de um lado, e o basbaque e a incapacidade de articular efetivamente tamanho arsenal em favor da difusão do conhecimento e da ampliação do alcance das humanidades em nosso meio social, de outro.

Como aponta Giorgio Agamben, o presente reside nessa zona fugaz e inexistente, o não vivido dentro do vivido, sendo, portanto, um desejo de futuro que encontra sempre seu referencial em algum passado. À História, que faz o possível para medir o pulso desse grande corpo em fluxo, cabe a árdua tarefa de estudá-lo até onde permite o alcance de suas lentes, a fim de que tenha o necessário para pintar o quadro complexo e pitoresco que a realidade merece. Esse quadro é pincelado de diálogos que mesclam novas e velhas fontes, linguagens clássicas às pós-modernas, discursos estabelecidos aos controversos. E tendo esse *melting pot* como horizonte orientador, antes de desvanecer, acaba revigorada nesses entrecortado de lugares e falas, nem sempre convencionais.

Diante deste olhar na História, esperamos que as leituras destes capítulos possam ampliar seus conhecimentos e instigar novas pesquisas.

Boa leitura!

Denise Pereira  
Maristela Carneiro

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
BNCC, TRANSVERSALIDADE, MEIO AMBIENTE E ENSINO DE HISTÓRIA: ELEMENTOS PARA UM DIÁLOGO ENTRE HISTÓRIA E PEDAGOGIA	
<i>Mônica Andrade Modesto</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6001923081</b>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>13</b>
ENSINO DAS CIÊNCIAS SOCIAIS: COMO REPENSAR UMA HISTÓRIA DO CONFLITO ARMADO COLOMBIANO NUM CENÁRIO DE “PAZ”?	
<i>Ana Cecília Escobar Ramirez</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6001923082</b>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>26</b>
HISTÓRIA.COM: ENSINO DE HISTÓRIA, FONTES DOCUMENTAIS E HISTORIOGRAFIA	
<i>Maria Aparecida da Silva Cabral</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6001923083</b>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>36</b>
EXPONERE: ENTRE DESIGN, MEMÓRIA E HISTÓRIA	
<i>Fernanda Deminicis de Albuquerque</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6001923084</b>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>40</b>
HISTÓRIA DA HISTORIOGRAFIA COMO EXERCÍCIO DE METATEORIA	
<i>Rogério Chaves da Silva</i>	
<i>Paulo Alberto da Silva Sales</i>	
<i>Sidney de Souza Silva</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6001923085</b>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>56</b>
HISTÓRIA E MEMÓRIA EM CELESTINO ALVES: UMA ANÁLISE DO LIVRO “RETOQUES DA HISTÓRIA DE CURRAIS NOVOS”	
<i>Fabiana Alves Dantas</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6001923086</b>	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>68</b>
HARRY POTTER E POLÍTICA: PARALELISMO ENTRE O ENREDO POLÍTICO DE HARRY POTTER E AS CIÊNCIAS POLÍTICA REAIS	
<i>José Carlos Corrêa Cardoso-Junior</i>	
<i>José Antonio de Andrade</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6001923087</b>	
<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>76</b>
VIOLÊNCIA E MEMÓRIA COMO MATRIZES PARA IDENTIDADES NO SÉCULO XX	
<i>Lucas de Mattos Moura Fernandes</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6001923088</b>	

<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>90</b>
HISTÓRIA INTELLECTUAL DOS 'CARDEAIS' DA ESCOLA NOVA NO BRASIL	
<i>César Evangelista Fernandes Bressanin</i>	
<i>Milian Daniane Mendes Ivo Silva</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6001923089</b>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>104</b>
IMAGEM X LITERATURA: A REPRESENTAÇÃO DA IMAGEM EM OS MAIAS DE EÇA DE QUEIRÓS	
<i>Nívea Faria de Souza</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.60019230810</b>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>114</b>
MICRO-HISTÓRIA E NARRATIVA ORAL NO NORTE PARANAENSE	
<i>Marcia Regina de Oliveira Lupion</i>	
<i>Lucio Tadeu Mota</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.60019230811</b>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>124</b>
MOVIMENTO NEGRO NO RIO GRANDE DO SUL: APONTAMENTOS PARA UMA HISTÓRIA DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NO ESTADO	
<i>José Antônio Dos Santos</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.60019230812</b>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>136</b>
MULHER E FEMINISMO: PERCEPÇÕES ATRAVÉS DO ROMANCE "A DEUSA DO RÁDIO" DE HELONEIDA STUDART	
<i>Ioneide Maria Piffano Brion de Souza</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.60019230813</b>	
<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>145</b>
O PAI DOS POBRES: UM OLHAR SOBRE A ASCENÇÃO DO POPULISMO DE GETÚLIO VARGAS NO ESTADO NOVO	
<i>Adilson Tadeu Basquerote Silva</i>	
<i>Eduardo Pimentel Menezes</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.60019230814</b>	
<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>155</b>
O TRATADO SECRETO ENTRE PERU E BOLÍVIA DE 1873 E AS RELAÇÕES COM A ARGENTINA, BRASIL E CHILE	
<i>Adelar Heinsfeld</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.60019230815</b>	
<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>165</b>
O ÚLTIMO ADEUS: A SUBLIMAÇÃO DA DOR E O AMOR METAFÍSICO	
<i>Maristela Carneiro</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.60019230816</b>	

<b>CAPÍTULO 17</b> .....	<b>180</b>
POLÍTICAS PENAIS NO PARANÁ – DO AVANÇO DO APRISIONAMENTO AO GERENCIAMENTO DA MASSA DE APENADOS	
<i>Rivail Carvalho Rolim</i>	
<i>Letícia Gonçalves Martins</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.60019230817</b>	
<b>CAPÍTULO 18</b> .....	<b>195</b>
PUERICULTURA E POLÍTICAS PÚBLICAS DE ASSISTÊNCIA À MATERNIDADE E À INFÂNCIA (1930-1945)	
<i>Helber Renato Feydit de Medeiros</i>	
<i>Maurício Barreto Alvarez Parada</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.60019230818</b>	
<b>CAPÍTULO 19</b> .....	<b>204</b>
QUEERMUSEU: INCLUSÃO E DIVERSIDADE SOB O OLHAR CONTEMPORÂNEO	
<i>Manoel Messias Rodrigues Lopes</i>	
<i>Suely Lima de Assis Pinto</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.60019230819</b>	
<b>CAPÍTULO 20</b> .....	<b>216</b>
RAÍZES HISTÓRICAS DA CONCENTRAÇÃO DE RIQUEZA EM SALVADOR, (1777-1808)	
<i>Augusto Fagundes da Silva dos Santos</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.60019230820</b>	
<b>CAPÍTULO 21</b> .....	<b>228</b>
RECOMPOSIÇÃO BURGUESA, AMPLIAÇÃO DO ESTADO E AS NOVAS SOCIABILIDADES DO CAPITAL: O INSTITUTO BRASILEIRO DE PETRÓLEO, GÁS E BIOCOMBUSTÍVEIS – IBP	
<i>Marcio Douglas Floriano</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.60019230821</b>	
<b>CAPÍTULO 22</b> .....	<b>236</b>
RELAÇÕES DE TRABALHO E CAUDILHISMO: AS BASES SOCIOECONÔMICAS DA GUERRA GAUCHA (ESPAÇO PLATINO, SÉCULO XIX)	
<i>Cesar Augusto Barcellos Guazzelli</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.60019230822</b>	
<b>CAPÍTULO 23</b> .....	<b>247</b>
RENATO SOEIRO NO SPHAN: SUA TRAJETÓRIA ATÉ A DIREÇÃO DA INSTITUIÇÃO	
<i>Carolina Martins Saporetti</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.60019230823</b>	
<b>CAPÍTULO 24</b> .....	<b>258</b>
REPRESENTAÇÕES DE GETÚLIO VARGAS NAS PÁGINAS DA REVISTA DO GLOBO ENTRE OS ANOS DE 1929 E 1937	
<i>Eduardo Barreto de Araújo</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.60019230824</b>	



<b>CAPÍTULO 25</b> .....	<b>271</b>
VERDADE E FORMAÇÃO CRÍTICA: UMA ANÁLISE DOS SIMBOLOS DA ALEGORIA DA CAVERNA	
<i>Edson de Sousa Brito</i>	
<i>Camila de Souza Cardoso</i>	
<b>DO 10.22533/at.ed.60019230825I</b>	
<b>SOBRE AS ORGANIZADORAS</b> .....	<b>279</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO</b> .....	<b>280</b>

## REPRESENTAÇÕES DE GETÚLIO VARGAS NAS PÁGINAS DA REVISTA DO GLOBO ENTRE OS ANOS DE 1929 E 1937

**Eduardo Barreto de Araújo**

**RESUMO:** Em linhas gerais este artigo se trata de uma amostra da apresentação realizada no encontro da ANPUH realizado na cidade de Santa Cruz do Sul, bem como de parte dos resultados da pesquisa que deu origem à dissertação final de mestrado defendida na Universidade Federal de Santa Maria. Pertencente à área de concentração História, Poder e Cultura e à linha de pesquisa Integração, Política e Fronteira esta pesquisa foi amparada com recursos da CAPES/FAPERGS através de bolsa de estudo. Nesta pesquisa foram identificadas e analisadas as diversas representações visuais de Getúlio Vargas nas páginas da Revista do Globo entre os anos de 1929 até 1937.

**PALAVRAS-CHAVE:** Representações; Revista do Globo; Getúlio Vargas.

**REPRESENTATIONS OF GETÚLIO VARGAS ON THE PAGES OF THE MAGAZINE REVISTA DO GLOBO BETWEEN THE YEARS OF 1929 AND 1937**

**ABSTRACT:** In general terms this article is a sample of the presentation made at the ANPUH meeting held in the city of Santa Cruz do Sul, as well as part of the results of the research that gave rise to the final dissertation defended at the Federal University of Santa Maria. Belonging

to the area of Concentration History, Power and Culture and to the line of research Integration, Politics and Frontier this research was supported with resources of CAPES / FAPERGS through scholarship. In this research the various visual representations of Getúlio Vargas were identified and analyzed in the pages of the magazine Revista do Globo between the years 1929 and 1937.

**KEYWORDS:** Representations; Revista do Globo; Getúlio Vargas.

### 1 | INTRODUÇÃO

O estudo da *Revista do Globo* contribui para melhor compreendermos o significado e o alcance da atuação de Getúlio Vargas no processo histórico de formação e diferenciação da política gaúcha e nacional, bem como a utilização de sua figura como símbolo de uma ideia e uma ideologia política sendo construída na década de 1930.

Cabe ressaltar que a *Revista do Globo* atingiu grande importância como veículo formador de opinião em uma fase do jornalismo brasileiro conhecido como “informativa moderna”, caracterizada pelo afastamento da imprensa das ligações político-partidárias orgânicas, pela busca da sustentabilidade via consumidores e publicidade e pela

modernização técnica e administrativa da empresa jornalística (RÜDIGER, 1993, p.50).

Apesar de abdicar do jornalismo político-partidário que caracterizou a imprensa brasileira até o final do século XIX, a *Revista do Globo* manteve simpatias e adesões a projetos e campanhas políticas, entre eles, o de Getúlio Vargas.

Assim, acreditamos que estudar os usos da imprensa – através das representações por ela veiculadas – colabora para compreender um conjunto de mecanismos que, muitas vezes, passam por naturais e característicos da normalidade política, mas sustentam a lógica da criação/manutenção de verdadeiras figuras míticas nesse espaço de atuação pública.

Para tanto, a análise de casos particulares – como o de Getúlio Vargas – ajuda no entendimento dos usos políticos da imprensa moderna na sociedade como um todo, tornando possível revelar o uso dos periódicos que acabam colaborando para a consolidação de posições políticas, além de serem veículos formadores de opinião e espaços de divulgações ideológicas. Pode-se, ao analisarmos o caso específico da *Revista do Globo*, identificar e analisar os possíveis padrões de desigualdade/participação política entre indivíduos de uma mesma sociedade, em que tais padrões não se estabelecem por leis naturais, conseguindo assim examinarmos como se dá a construção dos mitos políticos pessoais a partir de processos históricos dinâmicos.

Na historiografia consagrada a respeito da imagem de Vargas e seus usos como instrumento de propaganda política, costuma-se ter o Estado Novo como marco inicial da utilização da propaganda da figura política de Getúlio Vargas. Porém, pretende-se com este trabalho demonstrar como este processo de utilização da imagem de Vargas teve início muito antes, de forma localizada e específica, mas que mantém traços de aproximação com as técnicas utilizadas durante o Estado Novo, em que Vargas figura como o líder máximo e carismático da Nação em livros didáticos, programas de rádio, cinejornais, revistas ilustradas e livretos de propaganda do governo.

## 2 | O CONCEITO DE REPRESENTAÇÃO

A chamada “Escola dos *Annales*” abriu caminho para os mais diversos campos da História, criando perspectivas novas de pesquisa e, principalmente, utilizando novas abordagens e novas fontes para a pesquisa histórica. Não que esta façanha seja exclusiva dos historiadores franceses vinculados ao grupo dos “*Annales*”, visto que uma série de historiadores de diversas correntes historiográficas também contribuíram para, ao longo do século XX, iniciarem uma verdadeira revolução no modo de pensar a História. Como exemplo podemos citar os historiadores ingleses como Eric Hobsbawm e E. P. Thompson e os intelectuais da “*Escola de Frankfurt*”.

Um destes campos “abertos”, por assim dizer, pelos historiadores da terceira

geração dos “*Annales*”, após as décadas de 1970/80, foi o da imagem como possibilidade e alternativa de fonte histórica, para além das fontes escritas. Através de conceitos, teorias e metodologias oriundas do diálogo com diversos campos como a arte, a semiótica e a fotografia, historiadores debruçaram-se sobre este novo objeto, criando novos campos e novos paradigmas, estabelecendo novos diálogos e possibilidades para além do arquivo e da concepção tradicional de fonte, que outrora dominou o campo de pesquisa da História privilegiando apenas as fontes escritas.

Localizado dentro da História Cultural, o campo da História do Imaginário e os debates que emergem das obras e dos historiadores que atuam nele irão subsidiar nosso trabalho, que tem como base a análise das imagens como elementos representativos. Não se trata de pensar a imagem somente como um elemento iconográfico, mas compreender as imagens como geradoras de discursos e práticas individuais e coletivas, como protagonistas em dimensões micro e macro do passado histórico.

Levando em conta que uma História das Mentalidades visaria muito mais o alcance macro das imagens e discursos, procuramos aqui explorar o imaginário, localizando esta diferença entre estes dois campos da História. Para José D’Assunção Barros, a diferença entre os dois campos está no fato da História das Mentalidades buscar uma compreensão coletiva dos modos de sentir, enquanto que a História do Imaginário:

[...] volta-se para objetos mais definidos: um certo padrão de representações, um repertório de símbolos e imagens com a sua correspondente interação na vida social e política, o papel político ou social de certas cerimônias ou rituais, a recorrência de determinadas temáticas na literatura, a incorporação de hierarquias e interditos sociais nos modos de vestir, a teatralização do poder (BARROS, 2012, p. 346).

Além desta busca por objetos mais definidos, o autor esclarece que a noção de imaginário conserva interface com a noção de “representação” e, em algumas situações, os campos originados por esses dois conceitos se invadem reciprocamente (BARROS, 2012, p.342).

O conceito de “representação” é polissêmico e em pleno século XXI emanam debates e disputas em torno de sua definição, disputas estas que ocorrem dentro das mais diversas áreas da chamada Ciências Humanas. Na historiografia brasileira, grande parte dos pesquisadores da imagem estabelece um diálogo com a produção francesa, e dentre os autores mais proeminentes e os mais lidos no Brasil está Roger Chartier, um dos representantes da terceira geração dos *Annales*.

Em seu livro *A beira da falésia: a História entre incertezas e inquietudes*, Roger Chartier (2002) amplia sua análise do conceito de representação para além do campo da História das Mentalidades, flertando com o conceito de imaginário ao dialogar com autores como Louis Marin, Max Weber e Pierre Bourdieu. Como coluna vertebral desta análise, o autor demonstra a polissemia do termo e como, de acordo com o

objeto e o contexto, muda-se o significado do mesmo. Chartier (2002) fala sobre uma das possíveis definições levantadas por Louis Marin em suas obras e apresenta o sentido eucarístico do termo, onde as sociedades do Antigo Regime davam sentido às suas existências através do termo “representação”. Sobre esta passagem Chartier informa que:

Além desse primeiro uso, historicamente localizado, a noção de representação carregou-se de uma pertinência mais ampla, designando o conjunto das formas teatralizadas e “estilizadas” (segundo a expressão de Max Weber) graças às quais os indivíduos, os grupos, os poderes constroem e propõem uma imagem de si mesmos. Como escreve Pierre Bourdieu, “*a representação* que os indivíduos e os grupos fornecem inevitavelmente através de suas práticas e de suas propriedades faz parte integrante de sua realidade social. Uma classe é definida tanto por seu *ser-percebido* quanto por seu *ser*, por seu consumo – que não precisa ser *ostentador* para ser simbólico – quanto por sua posição nas relações de produção (mesmo que seja verdade que esta comanda aquela)” (CHARTIER, 2002, p. 177).

É interessante percebermos que tal crítica promoveu uma reviravolta dentro da concepção de pesquisa e teoria do campo historiográfico, sendo que as possibilidades surgidas com esta “crise” da História deveriam derrubá-la de seu posto de destaque. Entretanto, acabou por fazer o contrário e fortaleceu a metodologia da pesquisa, ampliando os campos de atuação da História e do historiador.

### 3 | A REVISTA DO GLOBO: ESPAÇOS DE REPRESENTAÇÕES

Criada a partir da livraria de mesmo nome, a *Revista do Globo* surge em 1929 na esteira da ideia de modernização pela qual passa a imprensa no Rio Grande do Sul<sup>1</sup>. Espaço amplo de divulgação das artes gaúchas, nacionais e internacionais, o periódico quinzenal trazia reportagens, resenhas e lançamentos de livros. Dentre todos estes assuntos veiculados pela revista, a política era um dos assuntos que mais teve espaço em suas páginas nos anos iniciais.

Marcada por capas em que a figura feminina ocupa maior destaque e torna-se uma espécie de marca registrada do periódico, belíssimas fotos e desenhos dos mais variados artistas ilustraram suas edições. Um estudo apenas das respectivas capas da *Revista do Globo* já seria atraente e promissor. Material vasto e impressionante que marcou época e gerações.

O periódico se assume como um veículo das artes, um “quinzenario de cultura e vida social [sic]”, que, por sua vez, cobre uma lacuna existente no jornalismo do Rio Grande do Sul das décadas de 1920 a 1960 em relação a empreendimentos do tipo, levando ao público uma variedade de assuntos, além de marcar época como um dos principais veículos de opinião do Estado e uma das principais publicações do estilo Magazine no Brasil.

<sup>1</sup> Espaço onde assuntos dos mais variados como esporte, literatura, moda, política, Para maiores informações sobre a imprensa no Rio Grande do Sul ver RÜDIGER, Francisco. *Tendências do Jornalismo*. 3ª edição Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.

tecnologias e comportamento faziam parte de suas páginas, inundando de quinze em quinze dias seus números com representações e imagens da sociedade gaúcha, bem como reportagens de cunho internacional. As mais diversas representações estiveram presentes em suas páginas. Desde a moda feminina e o comportamento voltado ao lar, que com o tempo destina-se a uma modernização do espaço social feminino, até mesmo as representações da sociedade de Porto Alegre, grande alvo das reportagens sobre a vida social dos gaúchos (MACHADO JÚNIOR, 2009).

Novamente nestas seções acerca da sociedade gaúcha, o perfil feminino domina o cenário e as fotografias em sua maioria são de “moças da sociedade”. Em poses de estúdio ou ao ar livre, as fotografias nos revelam também informações sobre os padrões estéticos e culturais em voga nas primeiras décadas do século XX. Suas seções temáticas de música, teatro e cinema mantiveram seus leitores atentos e em contato com tudo o que era lançado de mais novo e profícuo nestas áreas. Com análises de profissionais destes setores, suas reportagens enchem as páginas do periódico com um material rico e extremamente bem elaborado. Foram 38 anos de cobertura dos mais diversos assuntos, das mais diversas tendências literárias e comportamentais, bem como de conflitos, como a grande cobertura sobre a ascensão do nazismo e a eclosão da Segunda Guerra Mundial<sup>2</sup>.

Sua seção de literatura foi provavelmente a mais charmosa e rica em reportagens. Com análises pontuais e precisas, os mais diversos críticos de literatura e escritores dos mais variados gêneros inundam suas páginas com um material rico para consultas e que espera ansiosamente por pesquisas mais atentas e completas, visto que a pesquisa que aqui se apresenta não teve tempo hábil para explorar mais estes elementos.

O periódico torna-se a partir de 1929 o principal produto da Editora e Livraria do Globo, empresa que também pertencia à família Barcellos. Com uma ação mais moderna, vendendo espaço publicitário, inicia uma prática que antes não se encontrava nos periódicos até então existentes no Estado do Rio Grande do Sul. A pesquisadora Elisabeth Rochadel Torresini (1999) aponta que, além da visão de negócios da família Barcellos, a direção inicial da *Revista do Globo* ficou a cargo de Mansueto Bernardi, homem de negócios habilidoso e inteligente, e que desta maneira sua gestão colaborou para o crescimento do periódico, bem como sua aceitação e consumo entre os leitores de Porto Alegre.

Torresini atenta ainda para o fato de que a “habilidade em dar espaço a autores gaúchos ajuda a consolidar um espaço cativo entre leitores da capital gaúcha. Muitos autores como Augusto Meyer, Vargas Netto, Ruy Cirne Lima, Dyonélio Machado e Paulo Gouvêa encontram na *Livraria do Globo* uma oportunidade para editarem e publicarem suas obras, criando assim laços entre os intelectuais sul-rio-grandenses

2 O livro “A imagem do Terceiro Reich na Revista do globo (1933-1945)” de Mateus Dalmáz, publicado em 2002 pela editora EDIPUCRS, demonstra muito bem a construção do imaginário a respeito do regime nazista e como as imagens veiculadas pela *Revista do Globo* são determinantes na formação da opinião dos leitores, bem como a utilização das imagens como veículo formador de opiniões.

do Grupo do Café Colombo e a livraria” (TORRESINI, 1999, p. 56-57).

Cria-se assim uma identificação que será transmitida para a *Revista do Globo*, construindo fortes laços entre o periódico e a população urbana de Porto Alegre, antes de conquistar espaço nos demais municípios do Rio Grande do Sul, se consolidando como o maior periódico a circular no Estado entre os anos em que esteve ativa.

A *Revista do Globo* faz parte do processo de modernização pelo qual passa a imprensa gaúcha das primeiras décadas do século XX, mudança esta que diz respeito a muitos dos aspectos que sustentaram a produção dos jornais do século XIX. O jornalismo do século XIX ficou marcado por estar intensamente atrelado a partidos políticos, dependente muitas vezes das verbas oriundas dos mesmos. Com uma tiragem não muito expressiva, as empresas detentoras das principais folhas gaúchas tinham um público enxuto e uma visão muitas vezes partidária e sem ambições empresariais.

Mas a fase do “jornalismo informativo moderno” inaugura um tempo diferente para o jornalismo gaúcho. Inspirado nos moldes empresariais, algumas folhas se modernizam, contratam pessoal especializado, incrementam seu maquinário e adotam novas abordagens, inaugurando uma nova fase na história do jornalismo do Rio Grande do Sul (RÜDIGER, 2003).

O final do século XIX trouxe um dos conflitos mais sangrentos da História do Brasil, a chamada Revolução Federalista, que durou de 1893 até 1895 no Rio Grande do Sul e marcou de forma negativa a disputa entre partidos políticos, notadamente republicanos e federalistas. Então, o início do século XX abriu espaço para um discurso diferente, em que os jornais buscavam uma postura não comprometida com partidos políticos de qualquer espécie.

Caldas Júnior<sup>3</sup> com uma visão diferenciada do jornalismo que se praticava na época deu um passo inicial para uma nova fase do jornalismo gaúcho ao fundar o seu o *Correio do Povo*. Jornal que trouxe uma nova abordagem, mais moderna, mais direcionada ao público leitor. Matérias e reportagens assinadas e com opiniões. Com pesados investimentos na área administrativa, redução de custos e um aumento de produtividade, o *Correio do Povo* foi o primeiro a montar a primeira impressora rotativa no Estado do Rio Grande do Sul, sem contar que mais adiante também começou a utilizar linotipos<sup>4</sup> em sua produção. Este primeiro passo acabou influenciando outros jornais, como o *Diário de Notícias*, que também circulou com considerável tiragem pelo Estado, rivalizando durante a década de 1920 com o *Correio do Povo*. Em virtude destas inovações tecnológicas e das novas abordagens empresariais, estes dois jornais “definiram assim um novo regime jornalístico, cuja chave do fortalecimento foi a organização empresarial, como demonstra também o caso da famosa *Revista do Globo* (RÜDIGER, 2003, p. 80-81).

3 Francisco Antônio Vieira Caldas Júnior foi jornalista do jornal *d'A Reforma* e fundador do *O Correio do Povo*. Também colaborou na fundação da Academia Rio-Grandense de Letras em 1901.

4 O Linotipo é uma máquina, que foi inventada por Ottmar Mergenthaler em 1886, na Alemanha, tendo um teclado e utilizada como máquina de escrever.

Prova disso é que os editores da *Revista do Globo* assimilam o discurso e as práticas adquiridas na observação destes empreendimentos jornalísticos que a antecedem. Já em sua edição de abertura o periódico se apresenta como acima e longe de qualquer ideologia política, que caracterizava este jornalismo empresarial do início do século XX no Brasil. Atitudes e práticas que segundo Nelson Werneck Sodré dizem respeito à transição da pequena à grande imprensa no Brasil:

Os pequenos jornais, de estrutura simples, as folhas tipográficas, cedem lugar às empresas jornalísticas, com estrutura específica, dotadas de equipamento gráfico necessário ao exercício da função. Se é assim afetado o plano da produção, o da circulação também o é, alternando-se as relações do jornal com o anunciante, com a política, com os leitores (SODRÉ, 1999, p. 275).

Então, o jornalismo deixa de ser uma aventura e os periódicos enfrentam o desafio da transição de um empreendimento simples para tornarem-se verdadeiras empresas, nos moldes capitalistas, com um diálogo mais amplo com anunciantes, uma abordagem inovadora e definitivamente moderna em termos de administração.

#### **4 | IMAGENS NO PERIÓDICO DO GLOBO: O CASO DE GETÚLIO VARGAS**

A utilização de imagens é um dos grandes fatores e um dos elementos determinantes para que a *Revista do Globo* encontre um espaço que antes não pertencia a nenhuma publicação do gênero no Rio Grande do Sul. A fotografia como representação do real e como elemento de construção de significados encontra neste periódico um amplo espaço de circulação. Trata-se de um novo período nas publicações, em que o fotojornalismo entra em definitivo na história da imprensa brasileira e encontra no Rio Grande do Sul um de seus mais valorosos exemplos. Tais imagens são alvos deste trabalho, particularmente a imagem de Getúlio Vargas e a forma como foi representada nas páginas da revista. Visamos compreender como se deu a utilização de sua imagem como homem capaz de portar diversos significados. Fato que antecede em alguns anos o período que tradicionalmente se atribui à propaganda política da figura de Getúlio Vargas.

Foi durante o Estado Novo, particularmente com a criação em 1939 do DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda) e a divulgação maciça da imagem do Chefe da Nação junto à população brasileira por meio da propaganda no rádio, nos jornais, no cinema, em publicação de livros didáticos e com os discursos voltados aos trabalhadores nas festividades de Primeiro de Maio, que presenciamos um maior interesse do Estado brasileiro com a questão da propaganda política, garantindo a amplificação da imagem de Getúlio Vargas como um líder onisciente e onipresente, preocupado com os rumos da Nação. Imagem que mais tarde o irá imortalizar como o “pai dos pobres”.

O DIP cuidou da imagem de Getúlio Vargas, propaganda a imagem de um Chefe



da Nação capaz de reunir todas as qualidades esperadas de um líder. Seu carisma e seu sorriso foram explorados intensamente. Vasto material didático foi impresso com sua imagem, sua vida política e pessoal também foi explorada por este órgão no sentido de aproximá-lo do povo, dos “trabalhadores do Brasil”.

Tendo isto em vista, esta pesquisa procura demonstrar como o caso específico da *Revista do Globo* contribui para entendermos como a exploração da imagem de Getúlio Vargas como instrumento político se deu anterior ao Estado Novo, contrapondo-se à visão que tradicionalmente consagra a historiografia brasileira de que esta tarefa teria sido exclusividade do DIP, somente em 1939. Mesmo sendo um caso específico e isolado, dentro do Estado do Rio Grande do Sul, e muito ainda no espaço de Porto Alegre, a *Revista do Globo* também explora a imagem de Getúlio Vargas de forma política, por isso esta pesquisa estipula o espaço entre os anos de 1929 até 1937. Justamente o período que antecede a criação do DIP e o que se encontra nos clássicos sobre o período e a Era Vargas.

A *Revista do Globo*, não é responsável por cristalizar uma imagem de Getúlio Vargas no imaginário dos brasileiros, mas pelo menos ensaia uma representação deste político em suas páginas em âmbito mais restrito, no caso o público leitor majoritariamente da Porto Alegre urbana, ora como homem forte regional, o “Gaúcho”, ora como um verdadeiro “Chefe da Nação”, como demonstraremos ao longo do trabalho. É interessante notar que a preocupação com a imprensa e a opinião pública toma lugar na política de Getúlio Vargas antes deste se tornar Presidente da República, muitos anos antes de sua imagem ser explorada pela propaganda do Estado Novo.

De 1929 a 1937 Getúlio Vargas é retratado de forma extensa nas páginas da *Revista do Globo*, um período que compreende importantes eventos políticos da história brasileira, como a “Revolução de 1930” e o início do Estado Novo, que tiveram este político como um dos seus principais protagonistas. Somam-se 157 imagens de Getúlio Vargas, além de 80 páginas com textos dos mais diversos assuntos entre editoriais e reportagens que fazem menção à figura deste político.

Os primeiros três anos da revista (de 1929 a 1931) concentram a maior quantidade de material publicado, foram 101 imagens e 72 páginas de textos. Sendo estes anos os mais intensos, desde a divulgação da campanha de Getúlio Vargas para a presidência até 1931, ano que antecede a Revolução Constitucionalista de 1932 em São Paulo. Vale lembrar que grande parte do material deste período encontra-se no número especial dedicado à “Revolução de 1930”.

De 1932 até o ano de 1933, a *Revista do Globo* praticamente não publica imagens e textos sobre Vargas, salvo em alguns momentos esporádicos. Trata-se de um período de maior modernização da revista e de maior cobertura de assuntos internacionais, como literatura estrangeira e política internacional. Os comportamentos, feminino e social, continuam sendo os grandes alvos da *Revista do Globo*. Um dos pontos altos do período é a comemoração do cinquentenário da *Livraria do Globo*, com uma reportagem em homenagem à livraria, em que ganha destaque seu fundador,

Laudelino Pinheiro de Barcellos. O periódico é apresentado na reportagem como um dos maiores empreendimentos gráficos do Brasil e da América Latina, um breve histórico de sua produção é apresentado ao leitor.

Nos anos de 1934, ano da primeira Constituição desde que Vargas assumira o poder em 1930, e de 1935, ano que marca a chamada “Intentona Comunista”, a revista volta a publicar intensamente imagens e textos relacionados à figura de Vargas, em uma quantidade que quase se equipara aos três primeiros anos: foram 53 imagens e 07 páginas de textos, entre editoriais e reportagens que citam Getúlio Vargas e suas ações no governo. Porém, nota-se que a diferença quantitativa entre imagens e textos é evidente.

Neste período a *Revista do Globo* prefere um tratamento mais imagético do presidente Getúlio Vargas. Inaugura-se a partir de 1934 um período constitucional, então, uma ênfase positiva ao governo de Getúlio é vista com bons olhos aos redatores da *Revista do Globo*. Nos textos há uma maior ênfase aos atos políticos de Getúlio Vargas a frente da Presidência da República, enquanto que as imagens buscam representar Vargas como um político capaz de liderar o movimento de renovação política que estava sendo operado e, posteriormente, de dar um ar de modernidade ao Brasil. Guardadas as diferenças entre textos e imagens, a intenção que prevalece em ambos é a de representar uma imagem de Vargas como o político melhor preparado para assumir e cumprir o compromisso de modernizar o país. Imagem que também será trabalhada pela propaganda política do Estado Novo a partir de 1937.

De 1936 a 1937 foi publicada somente uma imagem de Getúlio Vargas. Curiosamente em um período em que a sociedade brasileira convive com a assombração do “fantasma comunista” e os desfechos para o início do Estado Novo. Esta única fotografia de Getúlio Vargas trata da visita do presidente dos Estados Unidos Franklin Roosevelt durante sua passagem pelo Rio de Janeiro. Uma fotografia em que ambos “os ditadores otimistas” aparecem sorridentes, enquanto que Roosevelt acena para o povo brasileiro no momento em que desfila de carro pela Avenida Rio Branco, no Rio de Janeiro.

## **5 | DE GAÚCHO A CHEFE DA NAÇÃO: AS BASES PARA A CONSTRUÇÃO DO MITO POLÍTICO DE GETÚLIO VARGAS**

Os primeiros anos da *Revista do Globo* caracterizam uma representação de Getúlio Vargas de um líder regional, evocando elementos do imaginário coletivo gaúcho como o líder bravo, militarmente capaz de conduzir uma ação bélica, determinado e com um ideal claro e objetivo. Alguns elementos novos de representação também fazem parte do conjunto de imagens que caracterizam os primeiros anos do periódico e da abordagem acerca de Getúlio Vargas. O carisma e o apelo popular são elementos constantes em muitas das fotografias do eixo temático que nesta pesquisa

denominamos como “Líder regionalista”, em que apresenta ao público leitor a “ideia-imagem” de “gaúcho” à figura de Getúlio Vargas.

O ano de 1929 marca de forma aberta e direta a campanha de Getúlio Vargas à presidência da República. Seus comícios, seus compromissos de campanha, seus artigos, e os artigos assinados pelos mais diversos intelectuais do momento, são publicados em número expressivo nas páginas da *Revista do Globo*.

A partir de 1932 a *Revista do Globo* abandona a representação de Getúlio Vargas nos moldes de um líder regionalista, para alçá-lo à condição de personagem nacional, de alcance macro dentro da política brasileira. Aos poucos nascia aquele que ficaria no imaginário popular como o presidente carismático e enigmático da História da República do Brasil. É somente em 1933 que Getúlio Vargas seria alvo da *Revista do Globo* e de suas reportagens, dando destaque à visita do então presidente norte-americano Franklin Roosevelt e sua passagem pelo Rio de Janeiro. Uma única ilustração de Roosevelt e Vargas aparece no número 123 da revista sob o título de “Os ditadores otimistas”.

Já em 1934 a *Revista do Globo* voltaria a publicar imagens de Vargas em número mais expressivo do que o anterior. Reportagens sobre o governo e as atividades presidenciais voltariam a figurar entre as páginas do periódico. A edição de número 150 traz em seu editorial uma carta da revista dirigida ao agora “S. Excia. Presidente”. De caráter nostálgico lembra os primeiros anos da revista e o período que antecedeu sua criação, bem como a colaboração de Getúlio Vargas no incentivo de sua criação e na maneira como o então presidente estabeleceu laços e amizades com os editores e com o periódico nascido nas ruas de Porto Alegre, fruto dos encontros do grupo do “Café Colombo”, do qual Vargas fazia parte.

Inicia-se, a partir de 1934, uma série de reportagens que adotariam as atividades nacionais e internacionais do presidente Getúlio Vargas como eixo central de sua representação. Estratégia que perduraria no periódico até 1937, quando da instituição do Estado Novo no Brasil. A página de número 8 deste mesmo número de 1934 demonstra como a abordagem da *Revista do Globo* muda o foco e o tratamento em relação à Getúlio Vargas. Trata-se de uma figura emblemática que antecede o tipo ou padrão de representação das imagens e ilustrações que marcariam o nacionalismo característico da propaganda política da Era Vargas.

Neste período de representação de Getúlio Vargas nas páginas da *Revista do Globo*, há uma nova abordagem em suas imagens e fotografias. Seu governo agora cresce em destaque internacional e Getúlio se vê em compromissos internacionais. A farda militar dá lugar aos ternos, mas o sorriso que marca a representação carismática do líder político moderno permanece nesta segunda fase do periódico. A “ideia-imagem” de “Chefe da Nação” traduz para o leitor da revista um Getúlio Vargas estadista, livre da imagem de homem regional, por outro lado, longe dos elementos que o aproximaram dos leitores de Porto Alegre nos primeiros anos do periódico.

Outro aspecto importante da revista foi representar Getúlio Vargas em sua

vida cotidiana, aproximando-o mais do seu público leitor. Em diversos momentos o presidente foi apresentado em reportagens em suas férias ou em momentos de lazer com a família e amigos. Denominamos este eixo temático de “vida social”, em que se cria uma “ideia-imagem” de “Homem do Povo”, apresentando o então “Chefe da Nação” em seu cotidiano e em seus compromissos familiares. Mesmo sendo um chefe, um líder político, a necessidade de localizá-lo no campo da vida social é extremamente importante para o periódico, que procura mostrar o lado simples do político, tratando de humanizá-lo.

Seja em um piquenique, churrasco, descansando com a família ou em uma tarde de turfe, Getúlio Vargas foi representado como um líder que manteve sua sociabilidade intacta, indo a vários eventos como casamentos e festas. Seu carisma e sua habilidade política foram lapidados ao longo dos anos, e seu sorriso marcaria a política nacional. Popular e populista soube como ninguém utilizar isso a seu favor. Tão distante e tão perto do povo ao mesmo tempo, Getúlio Vargas representou o homem gaúcho que virou Chefe da Nação e galgou seu lugar nos anais da História do Brasil.

Ao mostrar o líder em seu ambiente cotidiano, descansando com a família ou em eventos sociais, as imagens de Getúlio Vargas publicadas na *Revista do Globo* têm um papel decisivo em demonstrar que, mesmo se tratando Chefe da Nação, Vargas não abandonou sua ligação com a população, com o povo gaúcho. O político gaúcho se modernizara, ocupara o principal cargo representativo da Nação, mas seus costumes continuavam inalterados.

## 6 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Alguns personagens políticos possuem lugar cativo na memória individual e coletiva do grupo social no qual agiram e influenciaram durante suas vidas. São nomes que perpetuam seus feitos e realizações para o bem e para o mal. Constantemente lembrados como parâmetros para uma eterna comparação com aqueles que os sucederam, estes personagens viverão eternamente de uma maneira ou outra.

Se não mais vivem fisicamente, seus espectros políticos ainda permanecem vivos e são alvo de estudos e constantes pesquisas. São determinantes para a estruturação da sociedade onde vivem. Como diz Bronislaw Baczko:

O imaginário social é, deste modo, uma das forças reguladoras da vida colectiva. As referencias simbólicas não se limitam a indicar os indivíduos que pertencem a mesma sociedade, mas definem também de forma mais ou menos precisa os meios inteligíveis das suas relações com ela, com as divisões internas e as instituições sociais, etc. [cf. Gauchet 1977]. O imaginário social é, pois, uma peça efetiva e eficaz do dispositivo de controlo da vida colectiva e, em especial, do exercício da autoridade e do poder. [sic]. (BACZKO, 1985, p. 309-310).

Getúlio Vargas, político nascido em São Borja no Rio Grande do Sul, foi um

destes personagens políticos que povoam o imaginário coletivo, neste caso do Brasil. Alvo constante de críticas e elogios, os anos em que esteve envolvido na política do Estado gaúcho e na política nacional ficaram marcados na História do Brasil como o período onde o “Brasil moderno” nasceu. Sua carreira política foi desenvolvida sob os argumentos do positivismo, forjado e modificado em solo gaúcho pelos representantes máximos do PRR, Júlio de Castilhos e Borges de Medeiros, e consolidada por meio de suas atuações como Deputado Estadual e Federal, e como Presidente do Estado do Rio Grande do Sul que o ajudaram a criar uma imagem que mais tarde seria trabalhada e moldada para conquistar a Nação. Sua imagem foi utilizada pela propaganda política do Estado Novo como instrumento de aproximação entre o Chefe da Nação e o povo brasileiro. O povo aprendeu a cultuar sua imagem atrelada às suas ações políticas, como reformas educacionais, criação de leis de proteção aos direitos dos trabalhadores, sua ação junto aos sindicatos, a permissão do voto às mulheres, bem como seus desfiles cívicos e de culto à sua imagem ajudaram na construção de seu mito político.

Autores clássicos como Boris Fausto, Maria Celina D’Araujo e Thomas Skidmore pesquisaram a vida particular e política de Getúlio Vargas com grande êxito e com trabalhos de muito fôlego. Porém a historiografia tradicional do período sempre deu ênfase ao estabelecimento do DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda) como o grande marco decisivo na construção da imagem de Getúlio Vargas como um mito e símbolo político junto à população brasileira. Joseph Love também escreveu um clássico sobre a trajetória política de Vargas em seu âmbito regional e suas origens políticas e ideológicas.

Mas mesmo assim, a questão do culto de sua imagem sempre esteve associada ao DIP e ao Estado Novo. A partir de sua criação em 1939, este departamento ficou envolvido em elaborar planos e diretrizes para a propaganda e publicidade do governo de Getúlio, sempre associando seu governo à sua imagem, uma representação de um homem que extrapolava a imagem de político, fora transformado em um “pai” dos brasileiros.

Buscou-se com esta pesquisa uma contribuição para o avanço nos estudos sobre periódicos e seus possíveis usos políticos. Sobre a *Revista do Globo* e seus editoriais e artigos fica a dica e o desejo por uma pesquisa mais intensa e de mais fôlego. Cláudio de Sá Machado Júnior também alerta para este fato quando se refere aos artigos, às diversas seções, aos editoriais e do potencial deste periódico como fonte de pesquisa:

[...] vale destacar a importância das capas, das publicidades, das crônicas e demais gêneros literários de maior expressão, das charges e caricaturas carregadas de sátira e crítica social, dos espaços destinados às críticas de arte, de literatura e de cinema, assim como aqueles que trazem a imagem das próprias obras em questão. Os editoriais também são um caso à parte. Em sua maioria são riquíssimos para a análise histórica, pois ali se encontram de forma mais clara as intenções daqueles que dirigiram a revista ao longo de sua primeira década de existência...” (JÚNIOR, 2009, p. 72).

Buscar novas interpretações para antigos problemas foi o desafio, bem como colaborar para que o campo das imagens como fonte de pesquisa para a História sejam ampliados e debatidos. Buscou-se uma nova visão para a construção do mito político de Getúlio Vargas analisando o caso específico da *Revista do Globo*.

Percebeu-se uma clara representação de Getúlio Vargas entre os anos de 1929 onde sua imagem é associada aos elementos regionais e militares do homem do Rio Grande do Sul, sendo sua imagem constantemente associada ao passado guerreiro e fronteiriço do estado. Esta mesma imagem é representada de forma diferenciada após seu estabelecimento como chefe do governo provisório, ao longo dos anos em que foi o chefe máximo da nação, Vargas foi representado como o legítimo Chefe da Nação brasileira, representante do projeto de modernização do país, abandonando assim as representações anteriores, voltadas aos elementos regionais como antes fora dito.

Espera-se ter havido real contribuição com esta pesquisa para o avanço dos estudos em relação à imagem de Getúlio Vargas, bem como ter estabelecido uma alternativa ao que tradicionalmente se consagra na historiografia do estudo da imagem de Vargas como sendo somente a partir de 1939 e do estabelecimento do DIP que o uso político de sua imagem se faz. Obviamente é a partir de 1939 e do Departamento de Imprensa e Propaganda que a figura de Getúlio Vargas é alçada aos lares e escolas do Brasil como símbolo de seu governo e atrelada ao projeto de Brasil nação. Porém, tentamos demonstrar que a utilização e representação política de sua imagem se deram também de forma intensa em um periódico nascido no Rio Grande do Sul em 1929 e que esta prática antecede em exatos 10 anos a criação do DIP, bem como suas atividades.

## REFERÊNCIAS

BARROS, José D'Assunção. **Teoria da história**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, c2011. 4 v.

BACZKO, Bronislaw. “**A imaginação social**”. In: Leach, Edmund et Alii. *Anthropos-Homem*. Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985.

CHARTIER, Roger. *À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietudes*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002.

MACHADO JÚNIOR, Cláudio de Sá. **Imagens da sociedade porto-alegrense: vida pública e comportamento nas fotografias da *Revista do Globo* (década de 1930)**. São Leopoldo: Oikos, 2009.

RÜDIGER, Francisco Ricardo. **Tendências do jornalismo**. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, 1993.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da Imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

TORRESINI, Elizabeth W. R. **Editora Globo: uma aventura editorial nos anos 30 e 40**. São Paulo: USP, 1999.

## **SOBRE AS ORGANIZADORAS**

**Denise Pereira** - Mestre em Ciências Sociais Aplicadas, Especialista em História, Arte e Cultura, Bacharel em História, pela Universidade Estadual de Ponta Grossa. Cursando Pós-Graduação Tecnologias Educacionais, Gestão da Comunicação e do Conhecimento. Atualmente Professora/Tutora Ensino a Distância da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) e professora nas Faculdade Integradas dos Campos Gerais (CESCAGE) e Coordenadora de Pós-Graduação.

**Maristela Carneiro** - Pós-Doutoranda pela Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná – Unicentro. Doutorado e Pós-Doutorado em História pela UFG e pela UFMT, respectivamente. Docente do curso de História na Universidade Estadual de Ponta Grossa.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Alegoria da caverna 272

### C

Colonização 122, 226

### E

Ensino de história 26

### F

Feminismo 136

Filosofia 12, 94, 95, 98, 123, 235, 271, 278

### H

História intelectual 91, 102

Historiografia 40, 41, 43, 44, 45, 53, 54, 55, 66, 88, 89

### I

Igreja católica 115

### L

Literatura 96, 99, 104, 112, 136, 137, 138, 144

### M

Maias 104, 105, 106, 108, 109, 110, 111, 112, 113

Meio ambiente 1, 12

Memória 6, 10, 13, 14, 18, 20, 34, 39, 56, 66, 67, 76, 88, 89, 102, 178, 245, 256

Micro-história 114

### P

Política 15, 24, 68, 69, 70, 75, 102, 136, 150, 158, 164, 235, 258

Populismo 145, 154

### R

Relações de trabalho 8, 236



Agência Brasileira do ISBN  
ISBN 978-85-7247-560-0



9 788572 475600